



Martin Heidegger: A arte e o espaço*

 Marcia Sá Cavalcante Schuback

Para Eduardo Chillida



Figura 1: Eduardo Chillida. *Homenagem a Heidegger*

Quando se pensa muito por si mesmo, encontra-se bastante sabedoria dentro da linguagem.
Não é nada provável que ali tudo tenha sido introduzido por alguém, pois há realmente bastante sabedoria na linguagem, como nos provérbios.
(Georg Christoph Lichtenberg¹)

* A primeira versão desta tradução foi publicada em 1987 no número 2 da Revista *Arte e Palavra*, editada pelo Fórum de ciência e cultura da UFRJ. A presente versão difere bastante da primeira, não só pela escolha de novos termos, mas por um estilo mais simples, correspondendo melhor ao texto original de Martin Heidegger. Esse texto de Heidegger foi escrito em 1969, para o catálogo para uma exposição de litografias do escultor basco Eduardo Chillida na galeria Erker, em Saint Gallen, Suíça. O texto de Heidegger foi lido em voz alta. Na presente retradução, tentei uma linguagem que soasse bem ao ser lida em voz alta, que deixasse o som da linguagem levar para os caminhos do pensamento.

¹ G. Chr. Lichtenberg, “Einfälle und Bemerkungen”, em *Werke in einem Band*, Weimar e Berlim, 1982, p. 131.

Δοκεῖ δὲ μέγα τι εἶναι καὶ χαλεπὸν ληφθῆναι ὁ τόπος
Parece, pois, algo difícil e grandioso de apreender, o lugar, o *topos* – i.e., o espaço-lugar.
(Aristóteles, *Física*, Livro IV²)

Observações sobre arte, espaço e o seu entrelaçamento recíproco permanecem sendo questões, mesmo quando falam sob forma de afirmações. Estas se limitam às artes plásticas e, dentre elas, à escultura.

As figuras esculturais são corpos. Sua massa, composta de diferentes materiais, configura-se de múltiplas maneiras.

A configuração acontece por delimitação, incluindo e excluindo limites. Aqui entra em jogo o espaço. Ocupado pela figura escultural, o espaço se molda por um volume acabado, perfurado e vazio. São coisas bem sabidas, mas ainda assim cheias de enigma.

O corpo escultural dá corpo a algo. Dá corpo ao espaço? Será a escultura uma dominação do espaço? Será que a escultura corresponde à conquista técnico-científica do espaço?

Enquanto arte, a escultura é de certo uma controvérsia [*Auseinandersetzung*] com o espaço artístico. A arte e a técnica científica consideram e trabalham o espaço com intenções diversas e de modos diversos.

Mas e o espaço – permanece o mesmo? Não foi esse mesmo espaço que experimentou sua primeira determinação com Galileu e Newton? Espaço – esse um-fora-do-outro [*Auseinander*] uniforme, que não se sobressai em nenhuma posição, equivalente em toda direção, mas imperceptível aos sentidos?

O espaço – que, entretanto e de maneira cada vez mais teimosa, provoca o homem moderno à sua dominação mais extrema? E as artes plásticas modernas também não seguem essa provocação quando se compreendem como uma controvérsia com o espaço? Não será por isso que confirmam o seu caráter contemporâneo?

Mas será que o espaço projetado pela física e pela técnica, em qualquer que seja a sua determinação ulterior, é que vale como o único espaço verdadeiro? Comparados com ele, serão todos os demais espaços articulados de outro modo: o espaço artístico, o espaço das ações e das trocas cotidianas, meras formas prévias e variações, subjetivamente condicionadas, de um único espaço cósmico objetivo?

² Aristóteles, *Física*, IV, 212a8.

Como seria se a objetividade do espaço do mundo objetivo permanecesse de maneira irrecusável o correlato da subjetividade de uma consciência totalmente estranha aos séculos que precederam a Modernidade europeia?

Será que reconhecer a diversidade das experiências do espaço em épocas passadas nos daria uma visão do próprio do espaço? A questão “o que é o espaço como espaço” ainda continuaria não colocada e ainda menos respondida. Permanece indeciso de que maneira o espaço *é* e se a ele pode ser atribuído um ser.

O espaço – será que pertence aos fenômenos arcaicos em contato dos quais, segundo as palavras de Goethe, o homem recebe a guarda de uma espécie de recato [*Scheu*] que pode beirar a angústia? Pois, ao que parece, atrás do espaço não há nada mais para onde ele pudesse ser reconduzido. O próprio do espaço deve mostrar-se a partir dele mesmo. Esse próprio ainda se deixa dizer?

A necessidade de uma tal pergunta nos faz confessar: enquanto não fizermos a experiência do próprio do espaço, o discurso sobre o espaço da arte permanecerá obscuro. A maneira como o espaço permeia a obra de arte ficará suspensa no indeterminado.

O espaço onde se pode encontrar a figura escultural como um objeto simplesmente dado, o espaço que encerra os volumes da figura, o espaço que subsiste como vazio entre os volumes – não são esses três espaços, na unidade de seu entrelaçamento recíproco, sempre ainda meras derivações de um espaço da técnica e da física, mesmo quando os cálculos de suas medições não devem intervir nas formas artísticas?

Admitindo-se que arte seja um pôr-se em obra da verdade e que verdade signifique o desvelamento de ser, não deve o espaço verdadeiro, ou seja, aquele que desvela o que lhe é mais próprio, tornar-se também o parâmetro da obra de arte plástica?

No entanto, como encontrar o próprio do espaço? Existe um atalho, embora estreito e hesitante. Tentemos escutar a linguagem. De que ela fala na palavra espaço? Fala do espaçar. Isso significa: desbravar, liberar a mata selvagem.

O espaçar traz o livre, o aberto para um instalar-se e habitar do homem.

Pensado em sua propriedade, espaçar é a livre doação de lugares em que os destinos do homem habitante se voltam ou bem para a graça de um abrigo [*Heimat*] ou para a desgraça de um desabrigo [*Heimatlosigkeit*] ou até para a indiferença frente a ambos.

Espaçar é a livre doação dos lugares onde surge um deus, os lugares de onde fugiram os deuses, onde o aparecer do divino de há muito se retraiu.

Espaçar traz a localidade que a cada vez prepara um habitar. Espaços profanos são sempre a privação de espaços sagrados de há muito abandonados.

Espaçar é a livre doação de lugares.

No espaçar fala e vela ao mesmo um acontecer. Esse caráter do espaçar é muito facilmente desconsiderado. E quando considerado, permanece difícil de se determinar, sobretudo enquanto o espaço da física e da técnica continuar a valer como o único espaço a que deve se ater toda caracterização do que é espacial.

Como acontece o espaçar? Não é dar espaço, e isso na dupla maneira de permitir e dispor?

Por vezes, dar espaço concede algo. Deixa vigorar o aberto, faz aparecer as coisas presentes às quais o habitar humano se vê remetido.

Por outras, dar espaço prepara para as coisas a possibilidade de pertencerem cada uma ao seu lugar e, a partir daí, umas às outras.

No duplo movimento do dar espaço acontece a propiciação de lugares. O caráter desse acontecer é o propiciar. Mas o que é o lugar se o que lhe é próprio deve se determinar sob o fio condutor do dar espaço liberador?

O lugar abre a cada vez uma *contréa*³ [*Gegend*] ao nela reunir as coisas num mútuo pertencer.

No lugar está em jogo reunir, no sentido de um abrigar que libera as coisas para a sua *contréa*.

E a *contréa*? A forma antiga da palavra diz “contrata” [*Gegnet*]. Evoca o vasto livre. Por ela, o aberto é solicitado a deixar cada coisa repousar em si mesma. Isto diz também: resguardar a reunião das coisas em seu mútuo pertencer.

A pergunta se impõe: são os lugares mero resultado e consequência de um dar-espaço? Ou o dar espaço recebe o que tem de próprio do vigor dos lugares reunidos? Neste caso, deveríamos procurar o próprio do espaçar na fundação da localidade e pensar a localidade como jogo recíproco de lugares.

Deveríamos prestar atenção ao fato e ao modo como esse jogo recebe do vasto livre da *contréa* a remissão para o mútuo pertencer das coisas.

Deveríamos aprender a reconhecer que as coisas são elas mesmas lugares e não apenas pertencem a um lugar.

³*Gegend* é uma palavra comum em alemão e significa “região”. Heidegger escuta, porém, nessa palavra sobretudo *Gegen*, que significa contra, o que se contrapõe. Traduzimos por *contréa*, um neologismo que tem por base variações dialetais nas línguas neolatinas, provençais. Em português falamos de direções contrárias. Heidegger remete a palavra *Gegend* também à sua forma primitiva *Gegnet*, que traduzimos por “contrata”, deixando nela ecoar contração.

Nesse caso, seríamos forçados a aceitar ao longo do tempo um fato estranho: o lugar não se encontra num espaço dado, à maneira do espaço da física e da técnica. É este que se desdobra a partir do vigor dos lugares de uma *contréa*.

O entrelaçamento de arte e espaço deveria ser pensado como experiência de lugar e *contréa*.

A arte como escultura: nenhum apossar-se do espaço.

A escultura não seria uma controvérsia com o espaço.

A escultura seria um dar corpo a lugares que, abrindo e resguardando uma *contréa*, reúne dentro de si o livre, garante para cada coisa uma duração e, para o homem, uma habitação em meio às coisas.

O que sai então do volume das figuras esculturais, que a cada vez dá corpo a um lugar? Provavelmente já não se trataria mais de espaços delimitados entre si e em cujas superfícies um interior estaria oposto a um exterior.

O que se denomina com a palavra volume, cujo significado é tão antigo quanto as ciências da natureza e a técnica moderna, deveria perder o nome.

As marcas características de buscar e formar lugar inerentes ao dar corpo plástico ficariam de início sem nome.

E o que seria o vazio do espaço? Com muita frequência aparece apenas como falta. O vazio tem assim valor de deficiência no preenchimento de buracos e espaços intermediários.

Mas talvez o vazio seja aparentado ao próprio do lugar, não sendo, portanto, nenhuma falta ou deficiência, mas um trazer à tona [*Hervorbringen*].

Mais uma vez, a linguagem pode nos dar um sinal. No verbo “esvaziar” [*leeren*] fala também um “tirar” [*lesen*], no sentido originário de colher e ler, de um recolher que vigora no lugar.

Esvaziar o copo diz: recolhê-lo como o que segura a sua liberação.

Esvaziar as frutas colhidas num cesto diz: preparar-lhes esse lugar.

O vazio não é nada. Também não é uma falta. No dar corpo da escultura está em jogo o vazio como maneira de uma busca e tentativa de instaurar lugares.

As observações precedentes não nos levam certamente longe o bastante para mostrarmos de maneira suficientemente clara o próprio da escultura como uma arte plástica. A escultura: um vir à obra que dá corpo a lugares e com eles abre *contréas* para um possível habitar dos seres humanos, uma possível duração das coisas que os cercam e concernem.

A escultura: o dar corpo da verdade de ser na obra que instaura lugares.

Já uma visão cuidadosa no próprio dessa arte nos permite presumir que, enquanto desvelamento de ser, a verdade não precisa necessariamente ganhar corpo.

Goethe diz: “Não é sempre necessário que o verdadeiro ganhe corpo; basta se espalhar espiritualmente e provocar harmonia, como o toque dos sinos que atravessa os ares, sincero e amigável”⁴.

Notas

Sobre arte:

Heidegger, M. (1972). *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

Heidegger, M. (1936). *A origem da obra de arte* (Traduzido por Maria da Conceição Costa). Lisboa: Edições 70, 2010.

Sobre espaço:

Heidegger, M. (1927). *Ser e tempo*. Parte I e II, § 22-24, “a espacialidade da pre-sença” (Traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Vozes, 2002.

Heidegger, M. (1951). Construir, habitar, pensar. In M. Heidegger, *Ensaaios e conferências* (Traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Vozes, 2001.

Heidegger, M. (1951). “...poeticamente o homem habita...”. In M. Heidegger, *Ensaaios e conferências* (Traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Vozes, 2001.

⁴ Goethe, Maximen und Reflexionen, n.º. 466, em: Artemis-Gedenkausgabe der *Werke, Briefe und Gespräche*, DTV Dünndruck, Zürich e Stuttgart, 1948, pp. 557.